

dicionários, em caso de dúvidas, é indispensável que o relator de trabalhos científicos também consulte: (1) o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP) [4], em que se registra a ortografia oficial do Brasil, elaborado pela Academia Brasileira de Letras, disponível no endereço eletrônico <http://www.academia.org.br/ortogra.htm>; (2) a Terminologia Anatômica [5], elaborada pela Sociedade Brasileira de Anatomia com base na Nomina Anatômica, publicação internacional editada em latim, em que se registram nomes das estruturas anatômicas humanas; (3) os cadernos da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e do Instituto Nacional de Metrologia (Inmetro) - entidades oficiais, isto é, amparadas por lei - para aferição de medidas, símbolos, abreviações, bibliografias, normatização de publicações; e (4), sobretudo, revisores de redação, profissionais da área de letras, antes de divulgar publicações médicas ou de fazer apresentações nos encontros científicos.

O Departamento de Linguística da Universidade de Brasília (UnB) mantém o Serviço de Atendimento ao Leitor (SAL) para desfazer dúvidas de linguagem. Atende pelos telefones (61) 340-6162 e (61) 307-2741.

É necessário treino e dedicação para aprender a expressar-se em linguagem-padrão. Configura-se como assimilar outra língua, mas adquirida essa habilidade, tal linguagem torna-se mais acessível e prática. Há vantagens compensadoras. Como veículo de expressão científica, o padrão culto permite: (1) enunciados claros, sem ambigüidades, obscuridades, equívocos; (2) concisão ao texto, enuncia-se mais com menos palavras e em menos espaço de publicação, porquanto não há prolixidades, ou seja, divagações, muitas palavras longas, termos dispensáveis; (3) entendimento fácil de um relato entre lusófonos de todo canto, porque habitualmente não traz gírias, regionalismos, modismos, estrangeirismos supérfluos, termos rebuscados, desordens sintáticas, palavras inventadas e neologismos desnecessários; (4) fácil tradução para outras línguas, visto que seus termos estão registrados em dicionários e gramáticas de uso correto; (5) aprendizado metódico, uma vez que é linguagem formada dentro de preceitos organizados por profissionais e estudiosos de valor.

Nas próximas edições publicaremos o glossário com alguns casos de defeitos habituais de linguagem médica e sugestões de correção.

**Dr. Simônides Bacelar (I),
Dra. Carmem Cecília Galvão (II),
Dra. Elaine Alves (III) e
Dr. Paulo Tubino (IV)**

UNB - Faculdade de Medicina -
Hospital Universitário da Universidade de Brasília - Centro de Pediatria Cirúrgica. Brasília (DF)

- (I)** Médico Assistente, Professor Voluntário, Centro de Pediatria Cirúrgica do Hospital Universitário da Universidade de Brasília.
- (II)** Bacharel em Língua Portuguesa e Mestranda em Linguística pela Universidade de Brasília
- (III)** Professora Adjunta de Cirurgia Pediátrica, Universidade de Brasília
- (IV)** Professor Titular de Cirurgia Pediátrica, Universidade de Brasília

*Fonte: Revista Brasileira de Cirurgia Cardiovascular - Vol. 18 nº3
São José do Rio Preto Jul/Set. 2003*

Éramos quatro irmãs e não conseguíamos entender os perigos daquele anjinho com setas que fisgava os corações e deixava as pessoas flutuando. Parecia que alguma paixão o ferira bastante a ponto de não querer tal desventura para nós. A questão é que, não queríamos ficar imunes a esse perigo tão iminente...

Então os anos iam passando e cada uma experimentava as agruras e delícias daquele sentimento tão forte, arrebatador. E as paixões iam e vinham em várias modalidades.

Algumas pareciam não ter cura, jamais, massacravam nosso coração e

não permitiam que outro sentimento se instalasse.

Outras, eram tão efêmeras, que mal completavam alguns ciclos cardíacos e desocupavam rapidamente nosso ventrículo esquerdo, que é o verdadeiro arremessador das emoções.

E as platônicas? Essas deixavam um amplo universo na nossa imaginação e a esperança de que nosso foco da paixão um dia despertasse e nos enxergasse de verdade, correndo para os nossos braços.

Outras, mal sucedidas, deixavam seqüelas tão profundas na alma que o convento parecia ser o único caminho para nos proteger de outra desventura.

Mas lá adiante, estávamos de novo com aquele sorriso congelado nos lábios, aquele olhar para o horizonte perdido e prontas para viver novamente nas nuvens ou como um toureiro, à espera do próximo chifre...

Hoje, posso falar para meu pai que já conheci as diversas faces desse sentimento, que às vezes machuca, mas que nos faz sentir tão intensamente viva.

E, como disse o Rei: "Se chorei ou se sorri, o importante é que emoções eu vivi".

Dra. Saula Hamad Farias é membro titular do CBR e cronista